

Glória Groove rebate críticas ao seu disco de pagode



PÁGINA 3

Robertinho, o baiano que seduziu Paris



PÁGINA 4

Flip vai celebrar João do Rio, o pai da crônica



PÁGINA 5

2º CADERNO

Por Affonso Nunes

Na comemoração dos 60 anos de estrada, o MPB4 prepara um álbum que já se tornou um dos mais aguardados do ano.

Será um trabalho em que os integrantes do aclamado quarteto vocal dividem canções com convidados especialíssimos, compositores que marcaram as seis décadas do MPB4: Chico Buarque, Milton Nascimento, Paulinho da Viola, Dori Caymmi, Edu Lobo, Toquinho, Ivan Lins, Kleiton & Kledir, João Bosco, Alceu Valença, Francis Hime e Guinga cantarão ao lado de Aquiles Reis, Dalmo Medeiros, Miltoninho e Paulo Malaguti Pauleira. O repertório será de canções desses compositores, a grande maioria inédita nas vozes do MPB4.

O primeiro single a antecipar o trabalho já deu o que falar: uma nova versão de “Angélica” com participação do velho amigo Chico Buarque. Pois agora chega às plataformas digitais mais um single de “60 anos de MPB”, gravado entre janeiro e fevereiro. Trata-se de “Prêt-à-porter de Tafetá”, de João Bosco e Aldir Blanc, com participação do próprio João.

“Vocês não podem imaginar a minha alegria ao saber que o João havia topado gravar com a gente uma de suas músicas neste álbum com o qual comemoramos nossos 60 anos de carreira... Foi muita, viu?! Alegria que só aumentou quando ele sugeriu que gravássemos juntos uma de suas músicas de que eu mais gosto:

‘Prêt-à-porter de Tafetá. A gravação ficou o máximo! E eu convido vocês:

ouçam e me digam se não é para eu estar ainda mais feliz com o resultado. Bom demais”, derrama-se Aquiles, integrante do MPB4 desde a sua primeira formação e crítico musical do Correio da Manhã.

A alegria de Aquiles é também dos outros integrantes do MPB4: Miltoninho - outro fundador do grupo -, Dalmo Medeiros -



Miltoninho, Dalmo, Malagutti e Aquiles com João Bosco no estúdio da gravadora Biscoito Fino

60 ANOS CANTANDO O BRASIL, O AMOR, A LIBERDADE...

Segundo single do álbum que marca seis décadas de estrada do MPB4 traz participação de João Bosco em ‘Prêt-à-porter de Tafetá’

que entrou quando Ruy Faria saiu - e Paulo Malaguti Pauleira - que, após a morte de Magro, passou a fazer parte do quarteto.

A faixa tem arranjo, arranjo vocal e piano de Paulo Malaguti Pauleira; violão de André Siqueira; baixo de João Faria; bateria de Marcos Feijão; e percussões de Dudu Fuentes, Luiz Paulo e Marcos Feijão.

O álbum é dedicado ao Quarteto em Cy e aos saudosos Magro Waghbi (1943-2012) e Ruy Faria (1937-2018), que fizeram parte da formação original do MPB4. O show de lançamento será no dia 10 de julho no palco do Teatro Riachuelo.

Logo após o golpe militar de 1964, prestes a lançar seu primeiro compacto, o grupo Quarteto do CPC, formado em Niterói, precisou mudar de nome. Nascia ali o MPB4 e, com ele, a sigla MPB, até então desconhecida e que nos anos seguintes passou a dar nome à moderna música brasileira. De lá pra cá, essas quatro vozes cantaram o amor e a liberdade em mais de 20 álbuns de estúdio, além de discos ao vivo, coletâneas e singles.

CORREIO CULTURAL

Divulgação



Imagem do selo comemorativo às cinco décadas da carreira de Alcione

Correios lançam selo com a imagem de Alcione

Que a fama de Alcione corre o Brasil e o mundo todos já sabem. E Não é que a Marrom agora pode estampar correspondências? Os Correios acabam de lançar o selo institucional Alcione 50 Anos, em comemoração ao cinquentenário de carreira da artista. A emissão, com imagem do fotógrafo Vinicius Mochizuki, celebra os 50 anos de trajetória da artista maranhense que, ao longo de sua história, gravou 42 álbuns, ganhou 26 discos de ouro, 7 de platina e dois de platina duplos. É mais uma - e importantíssima - premiação recebida por uma artista que orgulha a cultura brasileira e sempre fez questão de propagá-la mundo afora.

Palhaçaria

A Esliça, escola de palhaços, apresenta nesta segunda (17) o seminário "A Mulher no Espaço da Arte", no Centro de Artes Calouste Gulbenkian, e os espetáculos "Circo da Julieta" (22/6) e "Caixa de Pandora" (23/6). Grátis.

Filme-concerto

O tenor italiano Andrea Bocelli lançará nos cinemas o filme-concerto "Andra Bocelli 30: The Celebration", registro do evento de três dias (17 a 19/7), que celebra o 30º aniversário de Bocelli na música.

Mercado musical

A Feira Internacional da Música do Sul (FIMS) retorna a Curitiba de 10 a 14/9, com inscrições abertas até 28/6 para artistas interessados em showcases e rodadas de negócios. A FIMS recebeu em 2023 o Prêmio Profissionais da Música.

Cultura russa

O Theatro Municipal será palco nesta segunda (17) da cerimônia de abertura das Russian Seasons, celebração da cultura russa no Brasil com eventos de música clássica, balé, exposições e palestras.



Os integrantes do R.E.M. nos bastidores do programa CBS Morning e em imagem da banda nos anos 1990

Formação original do R.E.M. ressurgem em programa de TV

Vocalista Michael Stipe revela que não acreditava no sucesso de 'Losing My Religion', o maior hit da banda

A formação original da banda R.E.M. concedeu a primeira entrevista depois de 30 anos. O guitarrista Peter Buck, o multi-instrumentista Mike Mills, o vocalista Michael Stipe e o baterista Bill Berry se reuniram novamente durante o programa americano CBS Mornings.

O encontro foi feito para celebrar a entrada do grupo no Songwriters Hall of Fame, fundação criada para homenagear compositores que alcançaram excelência em sua área de atuação.

"Composição é a área na qual trabalhamos com mais empenho desde o começo", disse Mike Mills. Já para Bill Berry compor era uma questão de sobrevivência. "A gente tinha que escrever músicas o mais rápido possível para colocar comi-

da na mesa."

Em 1995, Berry sofreu dois aneurismas no palco. "Foi um momento estranho para mim, então tornei as coisas estranhas para os outros membros da banda", diz o baterista, que decidiu sair do grupo dois anos após o problema de saúde.

"O aneurisma e a cirurgia diminuíram a minha energia. Eu já não tinha a motivação de antes", disse ele, acrescentando que se arrependeu da decisão. "Eu não me arrependi no momento em que deixei a banda, mas me arrependi depois."

Em 2011, os outros membros se separaram. "Acho que a razão principal é que naquele momento a gente não conseguia concordar em nada em termos musicais. Que tipo de música fazer, como gravá-la, se teria turnê ou não. A gente mal conseguia concordar sobre onde

jantar", disse Peter Buck.

Durante a entrevista, ele afastou a possibilidade de um retorno. "Jamais seria tão bom quanto antes".

Apesar disso, eles deram uma palinha na cerimônia do Songwriters Hall of Fame em homenagem ao quarteto: eles cantaram "Losing My Religion", o principal sucesso do R.E.M. A faixa entrou no top cinco da parada de sucessos dos Estados Unidos quando foi lançada, em 1991.

Embora tenha marcado a discografia do grupo, a música surgiu de forma despreziosa quando eles estavam dedilhando um bandolim. "Eu amo essa música, mas a gente nunca pensou que se tornaria um hit", diz Michael Stipe.

A separação dos integrantes não diminuiu a admiração que eles sentem um pelo outro. "Acho que a gente parou na época certa. Foi um ótimo momento para terminar. Fizemos uma ótima turnê, um excelente álbum e fomos para casa", disse Peter Buck.

'É claro que as gays pagodeiras existem'

Glória Groove reage às críticas de intrenautas por sua incursão no gênero através do álbum 'Serenata da GG'

Por Luisa Monte (Folhapress)

Após lançar "Serenata da GG", álbum de pagode, Glória Groove recebeu uma chuva de elogios e milhares de streamings nas diferentes plataformas de áudio e vídeo. Mas, também teve que enfrentar as críticas à sua entrada no gênero, que não é tradicionalmente representativo entre a comunidade LGBTQIA+. Internautas acusaram a drag queen de querer somente alcançar o público heterossex-

Divulgação



xual. A coletânea traz músicas inéditas, covers e regravações de canções de Gloria em versões de pagode.

"É claro que as gays pagodeiras existem", disse Gloria, ao ser perguntada sobre as críticas, em papo com a imprensa. A drag queen ainda disse que gosta de quebrar paradigmas e gerar discussões com sua música: "Fico muito feliz de ver que consigo quebrar preconceitos, debater pautas, e facilitar a existência do outro, como ver relatos de que um pai homofóbico mudou por minha causa".

Gloria ainda citou Ludmilla, que é mulher lésbica, cantora de pagode e mobiliza diversos casais LGBTQIA+ para seus shows, como inspiração: "A Lud fez muito isso com o 'Numance', de dar a liberdade de curtir o gênero sendo você mesmo, e até levar sua namorada".

A cantora também lembrou que cresceu em família de sambistas (sua mãe, Gina Garcia, foi backing vocal do grupo 'Raça Negra' por quase 30 anos) e que a entrada no pagode é, na verdade, um resgate de suas origens.

Glória Groove:
'Fico feliz que consigo quebrar preconceitos, debater pautas e facilitar a existência do outro'

A primeira parte do álbum "Serenata da GG" tem participações especiais de Ferrugem, Alcione, Thiago Pantaleão, Belo e sua mãe, Gina Garcia, enquanto o segundo volume, que será lançado em breve, contará com Thiaguinho, Mumuzinho, Menos é Mais, Sampa Crew e Ana Carolina.

UNIVERSO SINGLE

POR AFFONSO NUNES

Viagem sensorial

O cantor e compositor Souto une rock e hip-hop na viagem sensorial de "Cowboy", seu novo single. Souto cita inspirações como Red Hot Chili Peppers, Post Malone e Filipe Ret para guiar seus caminhos de renovação da sonoridade. "Essa mistura une vários estilos que existem dentro de mim. Desde o rock até o rap, que são os estilos principais e meus favoritos. E essa é uma música energizante e com um estilo único", diz o artista, que faz dessa nova fase o amadurecimento de uma jornada musical iniciada aos 12 anos.

Bruno Pessanha/Divulgação

Andressa Cindra/Divulgação



As misturas de Letto

Letto é um artista que usa em seu trabalho a pesquisa de ritmos brasileiros e transmite claramente em "Vou Misturar", de sua autoria, que chega às plataformas digitais nesta sexta-feira (21). A música, com que costuma abrir os shows, é rica em elementos do carimbó, da cumbia e do forró. Faz parte de uma sequência singles que vem dando forma ao seu álbum provisoriamente intitulado 'Bom Passeio', um disco cheio de ritmos que estão espalhados Brasil a fora, com letras poéticas e existenciais. O lançamento é pelo selo Caravela Records.

Divulgação



Força e motivação

Rapper, produtor e agitador cultural, Daniel Shadow olha para o passado como força e motivação para moldar o presente e construir o futuro em seu novo single. "Agradeço" é um boombap clássico, uma das marcas do trabalho do artista, e chega mostrando que todas as alegrias, tristezas, vitórias e desilusões são o que constroem a pessoa que surge na poética dos versos do artista. A faixa funciona como um brinde de agradecimento a todos que botaram fé e uma provocação aos que duvidaram. "A faixa fala sobre a gente entender que tudo faz parte para sermos quem somos", diz.



Por **Rodrigo Fonseca**

Especial para o Correio da Manhã

Centrado na dramaturgia geopolítica dos muitos sufocos e eventuais sucessos que regem a vida de um imigrante latino em solo europeu, “Madeleine à Paris” é um retrato audiovisual das lutas, do sonho e das performances do baiano Roberto Chaves, o Robertinho, multiartista brasileiro queer, andrógino, do Candomblé.

Há mais de três décadas, ele encanta Paris com sua arte. O filme de Liliane Mutti, previsto para estrear ainda este ano no país, traz um olhar sensível sobre um performer que carrega a brasilidade para os palcos. A cineasta acompanhou seus passos ao longo de seis anos, registrando seu modo singular de contagiar plateias. Ele também arrebatou a cinefilia francesa durante a projeção do filme no 26º Festival do Cinema Brasileiro, no Cinema Utopia Bordeaux, no início do mês.

“Ao sair de Santo Amaro da Purificação, minha cidade amada, no brotar da minha juventude, em 13 de julho de 1990, deixei amores, amigos e uma família de 16 irmãos. Era um Brasil de portas fechadas para a inclusão, sem perspectivas, com um demasiado índice de violência contra a comunidade LGBTQIQA+ situação que me dava medo... e uma imensa vontade de sair fora”, lembra Robertinho, em entrevista ao Correio da Manhã. “Muitos amigos gays precisavam se esconder e muitas vezes atentaram contra a própria vida, como forma de escapar da triste realidade de se assumir diante de uma sociedade preconceituosa. Deixei um Brasil tropical de clima privilegiado de que sinto muita saudade. Mas era um país nada favorável para que um jovem preto de família humilde, como eu, pudesse viver com tranquilidade. Fui em busca da realização dos meus sonhos, e de me tornar um artista com sucesso. Deixei um Brasil assimétrico, sem ordem e sem progresso, e com falta de oportunidades. Sai com o desejo e a determinação de vencer através da minha arte”.

Convidado para ir à Paris pela primeira vez quando ainda era office boy, Robertinho é o idealizador da mais importante tradição afro-brasileira na Europa, a “Lavagem de Madeleine”, que, há mais de duas décadas é símbolo da cultura brasileira no país. Esse cortejo acontece há 22 anos em Paris, inspirado na Lavagem do Senhor do Bonfim, e abre o calendário do verão europeu. A festividade começa na Praça da República de Paris e vai até a Igreja da Madeleine, onde se lava a escadaria da igreja.

“É muito difícil descrever o sentimento



Robertinho: ‘Deixei um Brasil assimétrico, sem ordem e sem progresso, e com falta de oportunidades. Sai com o desejo e a determinação de vencer através da minha arte’

Robertinho, o arlequim brasileiro da França

O filme ‘Madeleine à Paris’, de Liliane Mutti, aborda as aventuras europeias do artista baiano que consagrou cortejo famoso na Europa e brilha na noite com suas performances

da minha saudade, a melhor forma de tradução e de comparar minha saudade como a de um filho órfão de mãe. A impressão que continuo sentindo até hoje é de que está sempre me faltando algo”, diz Robertinho. “A realidade é que eu saí do Brasil, mas ele não saiu de mim, as vezes me pego chorando de saudade de Santo Amaro e dos meus domingos em família. Sinto que a representatividade da minha arte é um modelo sensível de tantos ou-

tros Robertinho negros pelo mundo a fora. Com minha arte eu pude expressar todo meu aprendizado adquirido na escola da vida, durante minha infância no Recôncavo Baiano, passando pelos palcos da Escola de Teatro, em Salvador, consolidando-se ao chegar em Paris, no cabaré francês Paradis Latin, onde trabalho há mais de 30 anos”.

No filme, assistimos Robertinho como um orixá do cortejo da Lavagem e, à noite,

vemos sua outra faceta, com sua fantasia e performance de arlequim, no Cabaré Paradis Latin.

“O que me encantou e me encanta do Robertinho é como esse brasileiro foi capaz de colocar o bloco na rua na capital francesa, inventando uma nova tradição”, diz Liliane Mutti. “Ao mergulhar no personagem, fui descobrindo facetas um tanto veladas, como o fato de que a noite ele trabalha como arlequim em um cabaré, performando muito antes do termo queer ser usado. Interessa-me esse transitar entre gêneros, que desconstrói verdades socialmente construídas. Em uma fala do filme, o personagem diz: ‘não precisei me prostituir, respeito muitas prostitutas, mas esse não foi o meu caminho. Nem fazer a limpeza aqui na Europa, como muitos brasileiros precisam fazer’. Essa fala diz muito sobre os brasileiros e as brasileiras reais, que migram por questões socioeconômicas, nessa diáspora que manda dinheiro para família do Brasil. Robertinho consegue fazer isso com a sua arte. O filme coloca ele no lugar de um vencedor diante dessa máquina de moer gente que é o processo de colonização, não superado, que ecoa ainda nessas relações”.

No filme, a musicalidade tem um aspecto dionisíaco.

“No ‘Madeleine’, a música aparece como signo e como surpresa no final. Começo meus filmes sempre pela playlist e é também uma das primeiras coisas que faço quando preciso apresentar uma ideia de filme, em um laboratório ou pitch, por exemplo. Tudo é música. Assim vejo e sinto”, diz Liliane. “No ‘Madeleine’ a trilha sonora original é feita por dois músicos brasileiros radicados na França que muito admiro, o Philippe Powell, especialmente no piano, e yko (escrito assim em minúsculo mesmo), um músico inventivo, que traz para o filme efeitos sonoros e percussão”.

Segundo Robertinho, sua arte é como um mundo sem fronteiras, autêntico, completamente baseada no toque de uma brasilidade vanguardista, que foi recebida pelos europeus com muito carinho e prazer. “Procuo fugir dos clichês, gosto de inovar respeitando as tradições que me deram base para a construção da minha arte. Fora o problema da insegurança, acredito que o Brasil está indo em uma boa direção, com essa nova gestão do país. Hoje minha arte é vista por um Brasil de esperança”, diz Robertinho. “O que vai resolver o desequilíbrio brasileiro chama-se educação, é preciso tirar as crianças das ruas e colocar na sala de aula, é preciso que a escola seja tempo integral como é aqui na Europa. Um Brasil com educação e segurança será o melhor lugar do mundo para se viver”.

Daniel Zarvos/Divulgação

Flip 2024 homenageará o jornalista negro que foi um dos pais da crônica moderna brasileira

Por **Walter Porto e Isadora Laviola** (Folhapress)

A 22ª edição da Flip, a Festa Literária Internacional de Paraty, vai homenagear João do Rio (1881-1921). O jornalista negro, que fez fama no início do século 20 como autor de um estilo pioneiro na imprensa carioca, será celebrado no evento que acontece de 9 a 13 de outubro.

Segundo o diretor artístico da festa, Mauro Munhoz, o homenageado mudou a maneira de fazer jornalismo no Brasil ao entender o ofício como literatura. O autor quis transformar sua profissão em arte, para Munhoz, e “desempenhou um papel crucial ao documentar a vida urbana do Rio de Janeiro com uma perspectiva única e detalhada”.

Ana Lima Cecílio, curadora desta edição da Flip, destaca a intenção de homenagear um cronista, autor de um “gênero totalmente brasileiro”, e diz que João do Rio era



A alma encantadora de João do Rio

uma figura cheia de contradições que ajudam a “explicar o Brasil”. “Por um lado, era fascinado por Paris, por outro, subia o morro com muito gosto, da mesma forma que o Rio era uma cidade dividida entre a fome de progresso e o convívio com sua formação”, aponta a livreira.

É o quarto escritor negro homenageado pela Flip desde sua criação em 2003, depois de Maria Firmina dos Reis, Lima Barreto e Machado de Assis.

Nascido de pai branco e mãe negra como Paulo Barreto em 1881, João do Rio trabalhou sob

outros pseudônimos e foi alçado a uma vaga na Academia Brasileira de Letras aos 29 anos, quando já era popular na imprensa da cidade.

O cronista da “belle époque carioca” publicou 25 livros - entre eles “A Alma Encantadora das Ruas”, de 1908, e “Dentro da Noite”, de 1910

- e mais de 2,5 mil textos em jornais e revistas. Sua obra está em domínio público e tem antologias recentes na Carambaia e na José Olympio, selo da Record, com publicações também pela Companhia de Bolso, Martin Claret e UFMG.

João do Rio morreu na mesma cidade em que nasceu, após um ataque cardíaco. O que lembra outra contradição: era tão admirado que arrastou uma multidão de estimadas 100 mil pessoas em seu velório, mas hoje seu nome segue quase esquecido.

O anúncio do homenageado acontece a quatro meses da festa, e a falta de antecedência nas divulgações da Flip 2024, como a definição da data em que o evento aconteceria, tem gerado queixas de editores. Ainda não há nenhum autor confirmado publicamente na programação, que será comandada por Ana Lima Cecílio após três anos de curadorias coletivas.

Um cronista irônico e mordaz

Affonso Nunes

Com agudeza de observação e ironia mordaz, João do Rio, pseudônimo do jornalista, cronista, contista, romancista, tradutor e teatrólogo Paulo Barreto, desvendava os costumes, os tipos sociais e as contradições da elite carioca. Sua escrita era rica em detalhes, permeada por humor ácido e crítica social, revelando os bastidores da alta sociedade e expondo as ma-

zelas da realidade urbana.

Frequentador e testemunha ocular do que acontecia em todas as partes do Rio de Janeiro de sua época, João tinha como temas recorrentes em sua obras a vida mundana da elite carioca (bailes, festas, teatros, cassinos e outros eventos sociais); os diferentes tipos sociais da cidade, da elite aos excluídos; as transformações da cidade e suas contradições sociais seculares; as relações amorosas,

a sensualidade e a sexualidade em suas diversas nuances; e forte crítica social que condenava a corrupção, as desigualdades sociais e os valores dúbios da elite dominante.

mesmo produzida há mais de um século, sua obra continua atual e relevante, convidando a leitor a mergulhar na atmosfera da Belle Époque carioca e refletir sobre temas que transcendem o tempo e o espaço.

AUTORES HOMENAGEADOS DAS EDIÇÕES ANTERIORES

2023: Patrícia Galvão, a Pagu	Drummond de Andrade
2022: Maria Firmina dos Reis	2011: Oswald de Andrade
2021 e 2020: Não houve	2010: Gilberto Freyre
2019: Euclides da Cunha	2009: Manuel Bandeira
2018: Hilda Hilst	2008: Machado de Assis
2017: Lima Barreto	2007: Nelson Rodrigues
2016: Ana Cristina Cesar	2006: Jorge Amado
2015: Mário de Andrade	2005: Clarice Lispector
2014: Millôr Fernandes	2004: Guimarães Rosa
2013: Graciliano Ramos	2003: Vinícius de Moraes
2012: Carlos	

MORA NA FILOSOFIA

ALDO TAVARES

PROFESSOR-MESTRE EM FILOSOFIA

Papo com Abelardo e Heloísa

Reprodução

Na semana de 12 de junho, data dedicada aos enamorados, oportuno entrevistar o pensador que viveu, intensamente, o amor por Heloísa, um dos maiores lógicos da humanidade. Conversei com Pedro Abelardo, à luz da primavera francesa, no Mosteiro de Saint-Denis, norte de Paris, tendo sido mutilado a mando do tio de Heloísa, Fulberto, por causa do amor. Abelardo e Heloísa representam a grandeza de um sentimento que amalgama carne e espírito. Encontrar pessoas é encontrar palavras.

Após Fulberto ter ordenado sua castração, qual foi seu destino?

O de ser monge, como você pode ver.

E o destino de Heloísa?

O de ser freira.

Vocês ainda se encontram?

Sim, mas apenas para disputas intelectuais.

Fale um pouco sobre ela.

Em Paris, havia uma moça chamada Heloísa, conhecida não só por sua beleza, mas por sua educação refinada. Ela era bastante bonita e a extensão de sua cultura tornava-a uma mulher excepcional. Os conhecimentos literários são tão raros entre as pessoas de seu sexo que ela exercia uma atração irresistível, e sua fama já corria.

Como a conheceu?

Apresentei-me a seu tio por meio de amigos comuns, os quais lhe propuseram tomar-me



Abelardo e Heloísa

como pensionista. Na verdade, sua casa ficava muito próxima de minha escola. Ávido por dinheiro, deixei que seu tio fixasse o valor da pensão, além de tê-lo persuadido de que sua sobrinha tiraria proveito de minha ciência como aluna. Ele aceitou.

E as aulas?

Os livros permaneciam abertos, mas o amor, mais do que nossas leituras, era objeto de nossos diálogos; trocávamos mais beijos do que proposições sábias; minhas mãos voltavam com mais frequência a seus seios do que a nossos livros.

Ou seja, não havia estudo.

Havia, só que estudávamos a indisciplina do amor, cujo ardor conheceu todas as suas fases, e também tivemos experiência de todos os refinamentos insólitos que o amor imagina. Em virtude disso, cheguei a negligenciar a filosofia, a abandonar minha escola.

Abelardo, me conte como foi a violência contra você.

Fui traído por um dos meus servidores, que, comprado a preço de ouro, deixou homens entrarem em meu quarto. Dois foram presos e condenados à perda de visão e à castração. Sou eunuco e, segundo Deuterônimo, não entrarei na Assembleia de Deus. Desde então, isso me levou para a sombra de um claustro.

Também conversarei com Heloísa.

Vinte anos mais nova do que eu, Heloísa escreve muito bem e, em uma de suas cartas, diz que seu coração a abandonou. Está comigo.

Terminado nosso encontro, me dirigi ao convento de Argenteuil, onde a abadessa Heloísa me recebeu. Muito culta e inteligente, revelou não só seu amor por Abelardo como se mostrou audaciosa, já que seu desejo se

fez presente sob o hábito, confessando a mim que as volúpias amorosas experimentadas por ela foram tão doces que nem a aborrecem nem podem ser apagadas de sua memória.

Muitos anos se passaram, a senhora ainda ama Abelardo?

Em uma das cartas, escrevi a Abelardo que, durante a própria solenidade da missa, na qual mais pura deve ser a oração, as imagens obscenas daquelas volúpias cativam minha alma tão miserável e entrego-me mais àqueles torpezas do que à oração.

Isso não é pecado?

Pecado é a intenção de cometer aquilo que se sabe que não se deve fazer. Meu amor não é pecado, porque sei o que se deve fazer, isto é, ainda que eu seja abadessa, prefiro poder agir como mulher apaixonada. O crime está na intenção mais do que no ato.

Quantos anos a senhora tinha quando conheceu Abelardo?

Eu tinha 17 anos; e Abelardo, 37.

Desse amor, nasceu Astrolábio, como ele está?

Depois de meu tio ter me expulsado de sua casa, passei a viver no convento de Pallet, na Bretanha, onde recebi os cuidados de minha cunhada e onde nasceu Astrolábio. Hoje, doutor em filosofia, ele leciona onde Gilles Deleuze lecionou, na Louis-Le-Grand, em Paris.

E seu amor a Deus?

Foi por ordem de Abelardo que tomei o hábito, não por ordem de Deus; foi a Abelardo, não a Deus, que procurei agradar. Eu levo uma vida infeliz, pois meu espírito, devastado por perturbações de imagens obscenas, não saberia cumprir o serviço de Deus com sinceridade.

Então, por que não deixa a vida religiosa?

Ficar onde? Meu desejo quer morar no corpo e na alma de Abelardo; mas, como ele me disse em carta que não deixará o hábito, permaneço aqui.

O que é desejo?

Sugiro ler as páginas de "O desejo", onde Camille Dumoulié o apresenta de Platão a Lacan.

Mas, para a senhora, o que é?

É o desejo que edificou minha igreja.

CRÍTICA / LIVROS

Divulgação

Por Olga de Mello

Especial para o Correio da Manhã

Desde o advento da série Harry Potter, o fenômeno literário que movimentou o fim do século XX, as editoras no mundo inteiro passaram a investir em títulos para jovens leitores, criando, inclusive o segmento “jovem adulto” – ou seja, livros que podem ultrapassar as barreiras de público aos quais foram originalmente destinados. Hoje, boa parte dos clássicos é considerada literatura para jovens, como Os três mosqueteiros, Tarzan, David Copperfield, entre tantos que não foram planejados para uma determinada faixa etária, por suas tramas envolventes e linguagem acessível.

Com tanta produção de literatura ‘teen’, não faltam excelentes títulos de estantes, como Não sou a filha perfeita (Intrínseca, R\$ 65), de Erika L. Sanchez, que chega ao Brasil sete anos depois do lançamento. O título original, que acrescenta o adjetivo “mexicana” à qualificação da jovem narradora, esclarece um dado cultural dos países da América do Norte. Imigrantes mexicanos vivem dentro de uma bolha étnica, como diversos grupos de descendentes de estrangeiros em solo dos Estados Unidos. A tradição católica exige que as mulheres jovens se mantenham castas e permaneçam ligadas à família, sem almejar viver numa cidade distante para fazer faculdade – um hábito arraigado entre os universitários norte-americanos. Apesar do texto ágil e contemporâneo, o romance pode ser apreciado por leitores de qualquer idade.

A protagonista Julia quer viajar mundo afora e tornar-se escritora, enquanto sua irmã mais velha, Olga, abraça o papel de filha exemplar. A morte precoce de Olga vai modificar



Leituras recomendadas para qualquer faixa etária



os planos de Julia, que, aos poucos descobre o quanto a irmã era pouco convencional

e estava distante da imagem de perfeição.

Finalista do National Book

Award, o livro, que vai ganhar adaptação cinematográfica produzida pela atriz America

Ferrara, foi um best-seller celebrado pela crítica pela consistência dos personagens e dos dilemas que vivenciam, não apenas pelo choque cultural, mas diante das expectativas dos adultos e dos próprios jovens quanto ao que fazer com o resto de suas vidas.

Gênero popularizado entre os jovens leitores, as histórias em quadrinhos alcançaram o status de trabalho literário devido, basicamente, à paixão e ao empenho de seus admiradores. O espanhol Paco Roca se destaca no gênero por abordar nos quadrinhos os dramas de gerações anteriores à sua. Em Regresso ao Éden (Devir, R\$ 63), ele apresenta a história de uma família de baixa renda na Espanha do pós-Segunda Guerra Mundial, através de uma das raras fotografias do grupo, numa tarde de domingo, na praia, em 1948. As origens humildes dos pais, um cotidiano em que a agressividade é elemento de comunicação da família, a penúria que determina a convivência de várias gerações na mesma casa são mostrados com objetividade quase didática, sem deixar de comover o leitor pelo tom comedido das emoções abafadas, típicas dos nascidos no século XX.

Primeira mulher de origem marroquina a vencer o Prêmio Goncourt, em 2016, com o terrível Cantiga de ninar, Leïla Slimani, também traz os choques culturais de imigrantes como tema principal de O país dos outros (Intrínseca, R\$ 62,90). Mathilde, uma alsaciana, se casa com Amine, um soldado marroquino do exército francês, com quem vai morar no Marrocos. Isolada numa fazenda com os dois filhos pequenos, depois da Segunda Guerra, Mathilde sofre com as tensões sociais e religiosas na difícil adaptação a uma sociedade de costumes rígidos, principalmente quanto ao comportamento das mulheres.

É uma casa portuguesa com certeza

Por Cláudia Chaves

Especial para o Correio da Manhã

Existem lugares que são lembranças imbatíveis. Profissional iniciante, trabalhando em Botafogo, o Aurora era um templo sagrado. Em um Rio, muito carioca, nada gourmetizado, o objetivo era dar risada, boa comida, chope gelado e muita, mas muita política, censura e o que o mundo seria. Pois é, graças a la vida, que te queremos tanto, o Aurora está lá, com comida ótima, nada de renovação contemporânea. De podermos dizer de volta ao meu aconchego.

Convidada pela queridíssima isabelle Lindote, craque em explicar tintim por tintim os segredos da cozinha, e pela chefe Ana Beatriz Capão tivemos uma noite de voltar a Portugal, alegre, agregador, com comida farta, tradicional. Raiz diriam as pessoas. Mas Beatriz vai além disso. Cria a partir dos clássicos. E acerta.

Começamos pela nova empada de cozido. Pode imaginar

CRÍTICA / RESTAURANTE / AURORA

Divulgação



O Rojão de Porco, nacos de costela e barriga de porco fritos servidos com laranja, vagem francesa e batatas cozidas à perfeição

lombo, linguiça, peito, cenoura, couve, tudo muito bem picadinho, temperado, com uma empada do tamanho correto (média), com a massa fina, inclusive na cobertura, de derreter, mas sem esfarelar. Comer-se-iam muitas, pensamos em português castiço. Os bolinhos de bacalhau, macios na massa, crocante na casquinha e com azeitonas pretas, o correto, algo raro de se ver por aqui.

O principal foram os Rojões de Porco Aperitivo, nacos de costela e barriga de porco fritos servidos com laranja, vagem francesa e batatas cozidas à perfeição. Bem frita, com a gordura saborosa e enxuta com batatas cozidas ao ponto, macias, macias e vagem francesa que jamais tinham provado tão boas. Verdinhas, consistentes, saborosíssimas. Aí, entra a criatividade de Beatriz com os pedaços de laranja que dão uma leveza ao prato. A versão almoço está disponível no novo menu executivo da casa, que estreou no início do mês. Recomendamos.

A sobremesa é das melhores: Mineiro de Botas (que me lembre só existe no Aurora). Uma espécie de omelete com queijo, banana e goiabada que Beatriz transformou visualmente com forma de um lindo crepe. Depois de tudo isso, a maior alegria foi Beatriz e eu termos lembrado que o nossa amizade, vem de longe. Foi minha aluna, muito jovem. Demos Gracias a la vida porque nos queremos tanto. Ainda mais com a cozinha do Aurora.

SERVIÇO

AURORA
Rua Capitão
Salomão 43,
Humaitá
Diariamente, de
11h à 1h

NOTÍCIAS DA COZINHA

POR CLÁUDIA CHAVES

Cachorro quente fusion

A chef Natasha Lund, formada pelo Le Cordon Bleu, desenvolve cardápios com fusão culinária nacional e internacional para restaurantes e residências. Para o bar os Imortais, criou corn dog choripan, uma fusão inspirada nas culinárias americana, argentina e tailandesa. A partir do popular corn dog, Natasha criou a versão choripan, uma novidade deliciosa, com linguiça, ao invés da salsicha, e queijo envoltos na massa de fubá com chimichurri seco e servido com maionese de sweet chili.

Divulgação



Divulgação

Para levar pra casa

Padaria, confeitaria e açougue, o Talho Capixaba, em Ipanema, Leblon e Gávea, ocupa um lugar premium na mente dos cariocas como o bolinho de bacalhau recheado, com o maravilhoso queijo da Serra da Estrela. Em sua proposta diferenciada, trouxe para o Brasil as melhores técnicas de panificação de Portugal e da França e não poderia se ausentar nas festas juninas, com diversos sabores como canjica, curau, arroz doce. Para os fãs de bolos, sugestões como o de aipim com coco e o tradicional bolo de milho. Entre os caldos, o típico caldo verde.

Senac ensina pratos

O Senac RJ promove minicursos gratuitos de gastronomia junina para elaborar pratos típicos da temporada, como canjica com legumes e tomates assados, sanduíche de carne louca com barbecue de cachaça e bacon, caldo de mandioca com carne seca, torta salgada de milho recheada com queijo e tomate seco, caldo verde com farofa de pão de alho, bolo gelado de milho com coco, cuscuz de tapioca com calda de abacaxi, entre outros. As aulas vão até 20 de junho no Riachuelo, Irajá e Madureira, no Degusta Sabores Juninos. https://bit.ly/DeustaJunino_Senac.